

PENSANDO o Lugar da Criança nos Filmes Etnográficos:
Como o Jabuti Comeu a Onça” e “A Anta, o Peixe, e o Jabuti”.

Fabiana Stringini Severo

Universidades Federal de Santa Catarina
E-mail: fabi_qmc@yahoo.com.br

1 Introdução

Este pequeno ensaio tratará de dois filmes etnográficos, “Como o Jabuti Comeu a Onça” e “A Anta, o Peixe, e o Jabuti”¹, produzidos em oficinas de cinema com crianças indígenas Baniwa. Pretende-se elaborar uma breve análise dos filmes e do contexto em que foram produzidos a partir de autores, como Ivana Bentes, Dominique Gallois e Vincent Carelli, antropólogos integrantes do Projeto Vídeo nas Aldeias; David MacDougall, realizador de filmes etnográficos do denominado “cinema observacional”; e Clarice Cohn, que escreveu sobre a antropologia da criança.

Os dois filmes foram produzidos em 2012 e 2013 a partir de oficinas de cinema ministradas por Rita de Cácia Oenning da Silva (*Shine a Light* e PPGAS-UFSC), antropóloga, e Kurt Shaw (*Shine a Light*), cineasta – ambos integrantes/diretores da *Shine a Light* (SAL), uma ONG cujo propósito é ensinar “as artes digitais a crianças excluídas”² – para crianças indígenas da comunidade de Itacoatiara Mirim, em São Gabriel da Cachoeira – AM³.

2 “Como o Jabuti Comeu a Onça”

O filme, que tem duração de três minutos, inicia com cada criança se apresentando e dizendo qual animal irá representar na história. Aparecem desenhos, feitos pelas crianças, para ilustrar cada animal. Cada criança encena um personagem no filme, imitando, respectivamente, os movimentos desse animal-personagem. Os personagens são estes: Jabuti, Onça (macho), Onça (fêmea), Índio, Arara, Urubu 1, Urubu 2, Macaco. O menino que faz o jabuti também é o narrador da história.



Menino indígena apresentando seu personagem na história: a onça (fêmea).
À direita aparece uma ilustração/desenho da onça embaixo de uma árvore

O enredo é o seguinte: há um casal de onças conversando e a onça fêmea pede para a onça macho buscar um jabuti para que ela possa comê-lo. A onça encontra o jabuti mas não consegue mordê-lo, pois seu casco é muito duro. Depois de uma enchente, o jabuti encontra a onça e tenta mordê-la no pescoço, mas não consegue, pois ele tem a boca muito pequena. Após inúmeras tentativas de abocanhar a onça, o jabuti finalmente atinge seu objetivo e segura firmemente a onça, enquanto ela se esforça para fugir. Cansada de tentar correr e fugir sem sucesso, a onça acaba morrendo. A cena a seguir é a de um índio, interpretado por um menino Baniwa, festejando com um tambor (um balde) o êxito do jabuti.



Cena em que o jabuti abocanha a onça

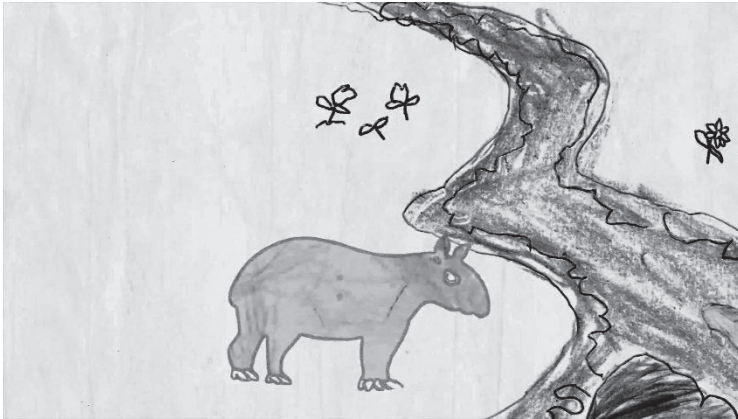


Cena em que o índio festeja a vitória do jabuti

Os outros animais da floresta – o macaco, a arara e os urubus – assistem à comemoração do índio e também ficam alegres com o feito do jabuti. Os urubus comem a carne apodrecida dos restos da onça e deixam apenas os ossos, que são comidos pelo jabuti, “aí não restou nada”. A mensagem passada pela narrativa dessa “lenda tradicional dos Baniwa” é de que “o jabuti pode ser mais lento do que a onça, mas é muito mais persistente”⁴.

3 “A Anta, o Peixe, e o Jabuti”

O segundo filme, que também tem duração de três minutos, apresenta animações semelhantes ao primeiro, feitas a partir dos desenhos produzidos pelas crianças para narrar a história/mito.



Animação feita para o filme a partir dos desenhos das crianças

A narrativa é composta pelos seguintes personagens: Jabuti (macho), Jabuti (fêmea), Jabuti (filha), Anta, Peixe e Camarão. Segundo Rita da Silva: “[...] interpretam uma história tradicional Baniwa [...], usando desenho animado e interpretação para narrar o conflito entre uma família de jabutis, e uma anta, amiga de um peixe esperto”⁵.

O mito é narrado desta vez por uma menina, de aproximadamente 8 anos, que conta como um jabuti virou homem. O jabuti e sua esposa jabuti precisam resgatar sua filha que ficou presa em um buraco, enquanto uma anta ajuda um peixe a passear no mato. O peixe é então pescado pelo jabuti, que usa uma flecha para capturá-lo. A anta, amiga do peixe, assiste à cena e se irrita com o jabuti, matando-o.



Cena do casal de jabutis salvando sua filha

4 O Lugar da Criança

As oficinas de cinema, que deram origem aos filmes, fazem parte do projeto de pós-doutorado de Rita da Silva intitulado “Sobre Jabutis, Jaguares, e Avatares: Performance e narrativas de e sobre crianças ameríndias nas cidades”, desenvolvido nos anos de 2012 e 2013. Parte dos objetivos do projeto consiste em “[...] pensar o lugar da criança e o modo como elas se posicionam no contexto das performances encontradas no campo” (Silva, 2014, p. 2). Rita da Silva fala, em seu relatório sobre o projeto, do lugar da criança na literatura que trata do noroeste amazônico, concluindo que “[...] as crianças estão presentes nem sempre de modo direto, mas são citadas com certa frequência”. (Silva, 2014, p. 11)

Nesse sentido, MacDougall diz que pouquíssimos filmes são feitos por crianças, a maioria dos filmes é sobre a infância e as crianças, feitos por adultos que olham a infância “[...] across the frontiers of age, different generational histories, different generational cultures” (MacDougall, 2006, p. 67). Esses filmes enfatizam, geralmente, mais as fronteiras/diferenças entre adultos e crianças do que as crianças *per se* (MacDougall, 2006, p. 73). Assim, os filmes acabam variando entre algo comemorativo da infância ou até mesmo uma espécie de elegiada, sempre imersos em um “senso de perda”. (MacDougall, 2006, p. 67-68)

No livro “Antropologia da criança”, Clarice Cohn (2005, p.7-8) afirma que na literatura a infância é tratada com nostalgia, vista como uma “tábula rasa” ou “o lugar do paraíso perdido”, o que nos faz retratar a criança a partir de uma “imagem em negativo”, ou seja, são portadoras de algo que falta aos adultos ou que os adultos já têm, criando um afastamento entre “o mundo adulto e o das crianças”.

O interessante desses dois vídeos de Rita da Silva é o fato de que foram produzidos por crianças, tanto as filmagens quanto as narrativas e os roteiros⁶, apresentando interpretações feitas por crianças Baniwa de mitos tradicionais de seu povo. Conversou-se com Rita da Silva (2014)⁷, que me explicou que [...] *as crianças narram também os mitos, pequenas partes deles. Não são narrados apenas por especialistas. E fazem brincadeiras de narração entre elas e entre elas e os adultos. Não costumam ter grandes oportunidades de serem filmadas.*



Créditos do filme “A Anta, o Peixe, e o Jabuti”. À direita aparece a foto de um menino indígena realizando a filmagem

Bentes (2004, p. 53), ao falar da exibição de vídeo dos Zo´é aos Waiápi⁸ nas trocas que compõem o Projeto Vídeo nas Aldeias, diz que além do “[...] reconhecimento e estranhamento do outro [...]” possibilitado pela circulação de imagens, há ainda uma “função pedagógica da imagem, de registro e transmissão de rituais, mitos e histórias”. (Bentes, 2004, p. 53)

Gallois e Carelli (1992) falam da experiência dos Waiápi ao registrar o ritual do *pakuasu*, festa pouco praticada pelo grupo, no qual os participantes do ritual comentavam as etapas que estavam sendo realizadas buscando “garantir a fixação de uma memória” tanto da festa e das danças quanto dos “conhecimentos específicos” que cada pessoa apresentava em relação ao ritual. (Gallois; Carelli, 1992, p. 30-31)

MacDougall (2006) argumenta que os filmes, de uma maneira geral, tentam mostrar uma determinada essência da infância, que é muitas vezes reduzida a padrões ou fórmulas “[...] films have a way of reducing children’s lives to formulas, replacing their strangeness and individuality with more comfortable notions of what children should be” (MacDougall, 2006, p. 67). Essas fórmulas geralmente não mostram as crianças como elas são no mundo real – gentis, cruéis, bobas ou sábias, etc. – são, em resumo, visões/representações que os adultos têm da infância. (MacDougall, 2006, p. 67)

Em ambos os filmes, as crianças encenam os mitos sem fantasias, apenas vestindo suas roupas de uso cotidiano. Fazem movimentos que remetem à forma como os animais que elas encenam costumam andar, caçar, pular, etc. Todos os animais são animais comumente encontrados na região amazônica, e que compõem o imaginário/mitos Baniwa, remetendo “[...] ao universo relacional entre diferentes animais-gente do ambiente natural da comunidade”. (Silva, 2014, p. 46-47)

Para Gallois e Carelli (1995, p. 209), “[...] uma narrativa, um ritual, etc. não precisam ser descritos exhaustivamente [...]” por antropólogos e pesquisadores, “[...] pois é na forma participativa de sua retransmissão que tomam sentido [...]”, como no caso das brincadeiras das crianças dos filmes de Rita, em que elas são chamadas a narrarem os mitos por si mesmas e os representarem graficamente por meio de desenhos, além de realizarem etapas importantes da produção cinematográfica como o roteiro e as filmagens.

Dessa maneira, o acesso a uma nova linguagem, que é a do cinema, produz eventos que ajudam a ressignificar as narrativas tradicionais de seu grupo:

O acesso ao vídeo constituiria, então, uma inovação que interfere decisivamente na produção da cultura, justamente porque incentiva sua permanente reelaboração [...] as sessões de vídeo são situações novas que permitem construir coletivamente conhecimentos diferentes, tanto em seu conteúdo como na forma em que são apropriados. (Gallois; Carelli, 1995, p. 209)

MacDougall (2006, p. 67) afirma que “[...] if any overriding reason exists for filming children, it is to rediscover their complexity [...]”, em outras palavras, é preciso tratá-las como pessoas vivendo por si mesmas, para além de nossas concepções adultas sobre elas. Para MacDougall (2006, p. 70), os adultos tendem a ver as crianças como seres incompletos ou inacabados, passando por um processo de socialização para finalmente se tornarem seres plenos e sociais, no entanto, as crianças não se sentem e nem agem como seres não socializados.

Para Cohn (2005, p. 8), a antropologia oferece uma visão um pouco distinta da infância e das crianças, permitindo compreender

de maneira mais ampla o(s) universo(s) infantil(is), de modo a “[...] entender a criança e seu mundo a partir do seu próprio ponto de vista”.

Assim, Cohn (2005, p. 33) argumenta que a criança também é vista como uma produtora de cultura, na antropologia, e as diferenças entre adultos e crianças deixam de ser pensadas de uma maneira quantitativa e passam a ter um enfoque qualitativo: “[...] a criança não sabe menos, sabe outra coisa”.

Sobre o papel central das crianças em filmes, MacDougall (2006, p. 85) relata que a maioria das vezes isso acontece na ficção ou em documentários, apenas uma fração muito pequena desse tipo de filmes é oriunda das ciências sociais. Mesmo nos filmes antropológicos e sociológicos, existe ainda uma tendência a retratá-las “[...] almost always incidentally or in subsidiary roles”. MacDougall (2006) explica que os cientistas sociais, ao longo da história da disciplina, dedicaram pouca atenção aos estudos sobre crianças e a juventude e que, na maioria das vezes, as crianças eram tratadas como um adulto em devir. Na série de filmes *Doon School* (2000-2003), MacDougall (2006) deixa a câmera nas mãos dos alunos da escola diversas vezes. Em outros momentos, elas aparecem fazendo relatos para o cineasta.

Bentes (2004, p. 51) fala da apropriação da câmera pelos índios no projeto vídeo nas aldeias como um diferencial do projeto em relação a outros e afirma que “[...] ao deslocar a câmera da mão dos antropólogos e cineastas profissionais e formar realizadores indígenas, a primeira questão que podemos sublinhar é a do deslocamento de poder e uma reflexão decisiva sobre a produção do saber [...]”, tornando o vídeo “[...] um instrumento de reconfiguração de forças e de produção de subjetividade, de compreensão, explicação, interpretação do mundo”. (Bentes, 2004, p. 58)

Os filmes produzidos pelas crianças indígenas de Itacoatiara Mirim não têm relação com o projeto vídeo nas aldeias, mas têm uma eficácia e peculiaridade similares, alterando os papéis e as relações de poder, dando voz e centralidade às crianças indígenas, ao estimular o surgimento de “[...] um desejo de fabulação e ficção sobre o cotidiano, um desejo de linguagem” (Bentes, 2004, p. 55). Rita da Silva (2014, p. 53) relata que

[...] as crianças indígenas [...] apresentam em suas narrativas e performances um interessante caminho para pensar o mito e a tradição e o ato de criação dos mesmos. Com criatividade, elas tanto se apoiam nas narrativas e conhecimentos míticos apresentados por seus familiares para suas performances, quanto recriam esse mundo no seu imaginário, mesclando com o cotidiano na cidade e na roça.

Considera-se fundamental o trabalho de Rita da Silva, sobretudo por colocar no centro/no foco dos filmes crianças indígenas, mostradas em seu universo particular de brincadeiras e de narrativas cotidianas, ressignificando mitos tradicionais. Seu trabalho possibilita ao mesmo tempo a realização do que tanto a antropologia quanto os filmes etnográficos buscam: mostrar a complexidade do outro.

Notas

- ¹ Os dois filmes estão disponíveis no *YouTube*. O filme “Como o jabuti comeu a onça” está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WoLQv-yHzhA>> e o outro filme, “A Anta, o Peixe, e o Jabuti” está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7DELCSip8_w_>
- ² Disponível em: <<http://www.shinealight.org/>>.
- ³ Informações retiradas do cartaz de divulgação do “Cinema no ISA (Instituto Socioambiental – Rio Negro) – programação especial de exibição de filmes de indígenas do Rio Negro – 9 de abril de 2013”: <<http://www.shinealight.org/Portuguese/anexoscpq2013/cartazmostraisa.pdf>>.
- ⁴ Informações retiradas do cartaz de divulgação do “Cinema no ISA (Instituto Socioambiental - Rio Negro) – programação especial de exibição de filmes de indígenas do Rio Negro – 9 de abril de 2013”: <<http://www.shinealight.org/Portuguese/anexoscpq2013/cartazmostraisa.pdf>>.
- ⁵ Informações retiradas do cartaz de divulgação do “Cinema no ISA – programação especial de exibição de filmes de indígenas do Rio Negro – 9 de abril de 2013”.
- ⁶ O roteiro, a interpretação, a câmara e a arte foram feitos pelas crianças (nos créditos aparecem os nomes de trinta crianças) e a edição feita por Rita e Kurt. O casal levou para o trabalho de campo e para a realização das oficinas sua filha, Helena, de 4 anos (ela aparece brincando, ao fundo, no segundo filme).
- ⁷ Conversa realizada em 11 de julho de 2014 durante uma reunião do MUSA (Núcleo de Estudos Arte, Cultura e Sociedade na América Latina e Caribe – PPGAS/UFSC).
- ⁸ Refere-se, aqui, ao filme “A arca dos Zo’ê” (1993) de Dominique Gallois e Vicent Carelli.

Referências

BENTES, Ivana. Câmera muy very good pra mim trabalhar. **Catálogo Mostra Vídeo nas Aldeias**. Centro Cultural do Banco do Brasil, 2004. p. 51-63.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

GALLOIS, Dominique; CARELLI, Vincent. Vídeo nas aldeias: a experiência Waiãpi. **Cadernos de Campo**, São Paulo, USP, v. 2, p. 25-36, 1992.

_____. Diálogo entre povos indígenas: a experiência de dois encontros mediados pelo vídeo. **Revista de Antropologia**, São Paulo: v. 38, n. 1, p. 205-259, 1995.

MACDOUGALL, David. Films of childhood. *In*: MACDOUGALL, David. **The Corporeal Image: Film, Ethnography, and the Senses**. Princeton: Princeton University Press, 2006.

SILVA, Rita de Cácia Oenning da. **Sobre jabutis, jaguares e avatares: performances, narrativas e produção fílmica de e sobre crianças ameríndias nas cidades**. Relatório final do projeto pós-doutorado CNPQ. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2014.

Recebido em 15/04/15

Aceito em 29/06/15